

Alternância

Consiste numa formação com períodos alternados de vivência e estudo na Escola e na Família, acompanhados pelos monitores. Este regime permite uma formação global onde a experiência e a sistematização ficam sempre presentes; da experiência brotam os novos conhecimentos que são retomados pela Escola para aplicação imediata em outras situações de aprendizagem.

Por este regime

"fica estabelecida a continuidade das atividades. A aprendizagem deixa de ser considerada como algo intelectualizante, mas recebe um significado a partir dos contextos onde é imediatamente aplicada" (MEPES, 1976 a, p. 40).

O sistema de alternância surgiu em 1935, para educar filhos de agricultores sem tirá-los do meio ambiente. Segundo Charpentier (1975), a experiência mostra que o ritmo de uma

semana na Escola e duas semanas na propriedade familiar é o mais conveniente, sendo escolhido tanto por razões práticas como pedagógicas.

No início, esse sistema consistia em estabelecer uma relação vida-ensino, procurando também por meio da metodologia da ação católica de VER-JULGAR-AGIR, a educação da consciência. Depois, com o crescimento das Escolas-Família, surgiu a linha de refletir sobre a realidade do aluno.

"A alternância é a porta da Escola aberta à vida e a porta da vida aberta à Escola" (MEPES, 1976 a, p. 113). Através da alternância o aluno analisa sua realidade por meio de várias atividades durante os períodos escolares e de observações constantes nos períodos que passa com a família, podendo assim ter uma visão crítica dessa realidade. Fundamenta-se na constatação de que não podem coexistir, de modo estanque, dois tipos de educação - a recebida no meio ambiente (transmitida pela família e comunidade) e a educação formal proporcionada pela Escola - pois o jovem só aproveitará seu tempo de educação-formação se estiver motivado.

Para os alunos, a alternância se desenvolve em dois tempos:

- na Escola, em regime de internato;
- na propriedade agrícola dos pais, participando de todos os aspectos da vida familiar e dos trabalhos agrícolas, realizando observações e aplicações práticas, fruto da orientação recebida na Escola.

"A alternância tem como fim responder à problemática

do mundo real. Com efeito, o jovem deve participar dos principais trabalhos da propriedade paterna o que torna impossível ir à escola e fomentar a desertão" (Cujó, 1978, p. 114).

Um questionamento feito é o de que o aluno da Escola-Família passa apenas uma semana na Escola e duas semanas no seu meio de vida, ou seja, em tal sistema os alunos estariam na escola de 13 a 14 semanas e o resto do tempo em férias. É evidente que isto não ocorre pois esta alternância escola-meio de vida constitui uma verdadeira pedagogia da ação, tratando-se pois de um sistema de formação contínua, "de um verdadeiro método pedagógico" (Chartier, 1973, p. 16).

Durante o período que passa em seu ambiente familiar, o jovem não é um observador passivo. Ele deve participar por sua ação útil e autêntica na vida adulta.

Existem duas condições necessárias para a conquista dessa pedagogia:

1ª) É a formação de uma associação das famílias responsáveis. A gestão é assegurada por um Conselho Administrativo formado desta associação compreendendo pais de alunos, ex-alunos, alunos e pessoas da comunidade. Esta organização é indispensável à inserção da Escola-Família no meio e à expressão das necessidades do meio. Ela permite principalmente aos pais e monitorar a descoberta das necessidades dos jovens para compreendê-los e ajudá-los, a fim de que, durante sua estada na família ou na Escola, estes jovens encontrem constantemente a resposta às suas aspirações de adolescentes.

2ª) Um clima de livre responsabilidade - Progresso

vamente os jovens são convidados a encarregar-se da Escola. Eles são divididos em pequenos grupos que se revezam na manutenção do prédio, na organização das tarefas, no cuidado da horta e outras atividades.

A situação educativa criada pela Escola-Família é complexa. A vida que o aluno leva não representa uma situação unificada, planejada, mas corresponde a diversas situações, que o provocam, retêm sua atenção, incitam-no a reagir, nutrem seu pensamento. É preciso não somente viver estas situações, mas destacar delas as inferências, esclarecer-lhes as contradições, decifrar-lhes as mensagens, reconhecer as significações. Em suma, o problema da EFA é de tornar educativas estas situações.

Será preciso ver em que medida esta pedagogia da alternância praticada pelas Escolas-Família concretiza a forma de escolarização mais adequada a esse público escolar e social: os filhos de agricultores.

A alternância tem o mérito de adaptar-se à dispersão do "habitat" rural e às exigências de trabalho nas propriedades familiares. Por esta razão é importante a inserção do jovem em seu meio de vida: um meio que lhe ofereça uma segurança e que lhe permita refletir sobre si mesmo e sobre ele para ir definindo os seus próprios critérios.

Por esta razão, a individualização do ensino, conveniente e necessária no terreno dos métodos didáticos, não tem nada a ver com uma hipotética consideração do indivíduo isolado.

Ensino individualizado se dirige a um jovem integrado em uma família e em uma sociedade. Este contexto familiar e social tem

um claro valor educativo; a vida em sociedade é uma constante aprendizagem de condutas e de valores.

O período na Escola é uma reflexão sobre a vida e pode-se até chegar a afirmar que a reflexão que se faz na Escola é um valioso instrumento para a formação dos próprios pais. A alternância permite que os conteúdos de ensino da Escola-Família sejam verdadeiramente vinculados ao meio de vida do aluno. Não se deseja apenas que, durante o período com sua família, o aluno faça os experimentos que não pode fazer na Escola, mas também que trabalhe como tem feito sempre e incorpore a este trabalho as interrogações e as preocupações que lhe são sugeridas na Escola. Daí a importância dada ao diálogo entre alunos e monitores. Não tanto para que estes proporcionem dados e respostas, mas para que se crie um ambiente interrogador, inconformista. A Escola-Família trabalha sobre este critério básico: provocar a interrogação do aluno sobre o ambiente que já experimentou.

A pedagogia das Escolas-Família não é e não pretende ser uma pedagogia universal, mas sim uma tentativa para resolver alguns problemas das zonas rurais. Na Escola-Família a aprendizagem se processa do mais concreto ao mais geral: da prática diária se vão induzindo os princípios gerais que ajudarão a definir os diversos usos de práticas agrícolas.

Cada uma das fontes didáticas cumpre sua função particular: o trabalho propicia o que há de mais fundamental: a experiência; a Escola orienta e organiza esta experiência. A ação da escola sobre o aluno é sempre posterior à experiência vivida e a sua reflexão.

A alternância não tem por objetivo transformar os

pais em repetidores da Escola; o jovem é autor de sua própria formação. Os pais e monitores procuram incentivá-lo e guiá-lo, mas, torna-se necessário que o jovem participe da vida de sua casa e que se interesse em como melhorar seu meio ambiente.

Hervas (1976) afirma que através da alternância o aluno contribui para o trabalho agropecuário de sua propriedade. Em muitos casos o adolescente não podia cursar uma escola porque toda a família precisa se empenhar no trabalho de propriedade, não podendo prescindir dessa mão de obra.

Duffaure e Robert (1955), com relação à dúvida sobre se a permanência na Escola e a permanência com a família põem em risco toda uma formação, esclarecem que tal não ocorre:

"primeiramente porque a experiência não mostrou ruptura no espírito dos adolescentes, isto sendo devido realmente à animosidade da Escola que é, pode-se dizer, muito mais uma associação voluntária de jovens que um internato obrigatório. Em seguida e sobretudo, porque a elaboração do Caderno de Exploração Familiar, [Caderno de Propriedade] cria entre os dois períodos-familiar e escolar um elo orgânico muito intenso" (Duffaure et alii, 1955, p. 22..)

A alternância reconhece o valor do meio como instrumento pedagógico e o utiliza; o conhecimento é menos considerado que a aquisição de atitudes: raciocínio, observação, julgamento; o período escolar não se apresenta mais como o principal elemento da educação.

Com base nisso, considera-se que o conhecimento não se adquire somente na escola e não é apenas o ato do professor mas também dos métodos escolares, a vida é educadora e o jovem desde o princípio, se educa a si mesmo. A vida é também forma.

hora: o aluno adquire uma série de informações na família, no trabalho e no meio.

Acrescenta-se ainda que o aspecto relacionado à localização geográfica da EPA, é a consequência natural e indispensável da alternância e de sua base familiar. A responsabilidade individual e coletiva dos pais, só acontece com uma Escola perto deles, uma Escola que seja sua expressão e não a expressão de um 'elite'. Se o fundamento dessa Escola é essa relação com o meio não se pode concebê-la como um estabelecimento escolar que exista sobre o conhecimento anônimo, e que é cortado desse meio, diferente a ele.

O monitor deve portanto manter estreitas relações com a comunidade e principalmente com os pais. É uma responsabilidade tão importante quanto o trabalho na Escola. Este processo exige certas condições dos monitores como: empatia, que supõe a valorização da pessoa do campo e das comunicações; convivência, devendo visitar os alunos no período da alternância, a fim de orientar os pais para a participação no processo educativo bem como conhecer sua linguagem, preocupações e costumes.

Conclui-se que os monitores devem elaborar e praticar uma verdadeira 'metodologia de animação' para os pais. É um trabalho que exige técnicas e compromissos. Dentro desse enfoque, a Escola torna-se um serviço educativo da comunidade e não dentro de ação da mesma.

Em resumo, a pedagogia da alternância permite:

- uma educação geral - põe o adolescente frente a uma situação, permitindo-lhe encontrar respostas às suas necessidades.

